

THEVES, Denise Wildner; KAERCHER, Nestor André. Com globos e mapas podemos percorrer “o perto” e “o longe”: as vivências espaciais das crianças. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <<http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>.

COM GLOBOS E MAPAS PODEMOS PERCORRER “O PERTO” E “O LONGE”: AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DAS CRIANÇAS

Denise Wildner Theves
E.M.E.F. GUIDO LERMEN e CEAT – Lajeado/RS
UNIRITTER – Porto Alegre/RS
denisetheves@itrs.com.br

Nestor André Kaercher
FACED/UFRGS e PPG em Geografia/UFRGS
Porto Alegre/RS
nestorandrek@gmail.com

INTRODUÇÃO

Quando a gente começou a olhar o Atlas com seus mapas, meu cérebro ligou uma luz e eu comecei a estudar sobre os lugares. Eu nunca tinha sentido isso antes!

(Anotações do diário de pesquisa)

...que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

(BARROS)

As crianças gostam, encantam-se com os mapas e têm seu jeito próprio de estabelecer relações com eles, fato este que pode oportunizar aproximações na busca pela compreensão das suas vivências espaciais e, com elas, proposições no sentido de ampliar as aprendizagens. Enquanto professores e pesquisadores, temos essas aproximações refletindo sobre a metodologia, repensando a base epistemológica, buscando o sentido do que e como se pode fazer a leitura e a compreensão do mundo com a Geografia.

O desafio tem sido o de criar alternativas de trabalho para a leitura do mundo nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, considerando uma relação dialógica mais intensa e curiosa com o saber dos alunos, além de refletir sobre a viabilidade de trabalhar com as crianças uma geografia que permita ler o mundo da vida, partindo ou chegando às singularidades do cotidiano.

A leitura do mundo através da Geografia é condição para aprendermos a pensar o espaço, exercitando, assim, nossa cidadania. Para as crianças, significa ler o mundo vivido, processo que é construído na interação com propostas de trabalho que possibilitem a (re)construção de conhecimentos e levem em consideração suas territorialidades.

A partir da especificidade do processo de alfabetização (também cartográfico) característico do trabalho nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a Geografia pode ser um componente curricular significativo nesse processo de alfabetização na medida em que pressupõe e estabelece a mediação com a leitura do mundo, através do espaço e das representações desse espaço nos mapas. Para isso, é fundamental ter-se clareza do que se pretende e de quais concepções teórico-metodológicas alicerçam o trabalho.

Diante dessas proposições, o texto aborda recortes de trabalho de situações vivenciadas em momentos de interação de turmas de crianças com a Cartografia nos anos de 2014 e 2013. Utilizando o globo terrestre, a leitura e a construção de mapas, as propostas foram desenvolvidas junto a turmas de alunos do Ensino Fundamental de uma escola, localizadas no Bairro Centro, em Lajeado, no Rio Grande do Sul. A escola é comunitária, de confissão luterana, mantida pela Comunidade Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. E também a partir de cenas registradas no diário de pesquisa, onde foram coletadas observações de crianças da Educação Infantil interagindo com o globo terrestre.

Nosso intuito foi o de ampliar as reflexões da Cartografia para as crianças, partindo de uma Cartografia com as crianças¹, propondo momentos de interação e atividades nos quais as crianças expressaram e representaram graficamente as maneiras como acontecem as suas apropriações do espaço vivido e como esses movimentos podem ser compreendidos nas suas falas. E em outro momento, situações em que interagiram com o globo terrestre as interações advindas desse contato.

Conversando sobre seus mapas e ouvindo o que as crianças têm a nos dizer durante os momentos em que foram propostas as atividades, obtivemos anotações e registros em diferentes linguagens. Na busca pela compreensão e ampliação do processo de alfabetização espacial e cartográfica dessas crianças, os registros feitos foram analisados a partir de pressupostos teóricos da ciência geográfica e da didática.

¹ Expressão utilizada por LOPES; VASCONCELLOS, 2005.

ESSAS CRIANÇAS E SUAS IDEIAS SOBRE OS LUGARES NOS MAPAS

Língua de criança é a imagem da língua primitiva.
Na criança fala o índio, a árvore, o vento.
Na criança fala o passarinho
O riacho por cima das pedras soletra os meninos.
Na criança os musgos desfalam, desfazem-se.
Os nomes são desnomes.
Os sapos andam na rua de chapéu.
Os homens se vestem de folhas no mato
A língua das crianças conta a infância em tatibitati e gestos.
(BARROS, 2001)

Na escola a estrutura curricular é formada por séries, o trabalho foi realizado com as turmas de quinta série do Ensino Fundamental em 2014. Nesta etapa, os componentes curriculares são organizados por áreas de conhecimento, de modo que é a primeira experiência das crianças com vários professores atuando.

Considerando esse contexto, o objetivo, nos primeiros encontros, é envolvê-los na proposta das diferentes áreas. Neste caso, com o estudo das Ciências Sociais, na disciplina denominada de Estudos Geográficos e Históricos.

O Atlas figura entre os livros da lista dos materiais das aulas de Estudos Geográficos e Históricos da quinta série (ano). No final do mês de março, quando todos os alunos já haviam trazido o seu Atlas para a escola, resolvemos “percorrê-lo” a partir de exploração livre e de um roteiro que desencadeou possibilidades de perceber/observar as partes que o compõe, bem como dicas de como utilizá-lo, as quais foram sendo construídas de maneira coletiva com as turmas.

A curiosidade e a surpresa acompanharam esses momentos. O diálogo desencadeado por essa proposta trouxe muitas constatações em relação às leituras e aos pensamentos das crianças. As falas, algumas delas transcritas a seguir, trazem aspectos interessantes para nossa reflexão².

² As falas das crianças são transcritas identificando cada criança com letras iniciais de nomes fictícios.

Ale – Eu nunca tinha aberto um Atlas na vida!
Isa – Olhando os mapas a gente pode descobrir várias coisas sobre os lugares.
Pe – Na Páscoa meu pai faz mapas para eu e meus irmãos acharmos os ninhos.
Nat – Eu e minha prima brincamos de esconder coisas e elas precisam ser achadas com mapas.
Cada uma de nós faz o mapa e a outro procura.
Le – Fazer as atividades que a profe trouxe, ajudou a entender como usar o Atlas.
Ru - Gosto de fazer mapas. Faço um mapa para andar de bicicleta pelo bairro. Mostro o mapa que fiz para minha vó saber por onde vou andar.
Ali – No ano passado, fizemos um mapa do caminho da nossa casa até a escola. Foi difícil de fazer, porque era um caminho muito grande para um papel pequeno.

O breve momento descrito evidencia que o maior contato dos alunos com os mapas, em sala de aula, desperta a curiosidade, cria possibilidades de fazer perguntas, buscar respostas e elaborar conhecimentos sobre o espaço e sua representação. Esse é um saber básico para pensar possibilidades de intervenção e ações enquanto cidadãos. Afinal, “aprender a observar, descrever, comparar, estabelecer relações e correlações, tirar conclusões, fazer sínteses, são habilidades necessárias para a vida cotidiana” (CALLAI, 2005, p. 245). Por intermédio da Geografia, junto com outros campos de conhecimento, pode-se oportunizar a construção dessas habilidades e aprender a pensar o espaço.

Ler mapas significa interpretar a linguagem cartográfica - uma linguagem especial, ou seja, é necessário decodificar seus símbolos para entendê-la. Esse processo não é simples, como também não é simples aprender a ler. Portanto, interpretar a linguagem cartográfica prescinde igualmente de um processo de alfabetização, nesse caso denominado de alfabetização cartográfica, necessária para compreender que “o mapa é uma representação codificada de um determinado espaço” (ALMEIDA; PASSINI, 1989, p. 15).

O processo para que o aluno possa entender a linguagem cartográfica (alfabetização cartográfica) não se resume a copiar contornos ou pintar mapas, mas em experienciar a função de mapeador, fazendo o mapa. Vivenciando esse processo, ele adquire familiaridade com as especificidades dessa linguagem.

Ouvir os alunos e levar em consideração suas falas apresentou-se como um momento para propor uma atividade de representação espacial que teve como objetivo conhecer as vivências espaciais e as territorialidades deste grupo de crianças, bem como, a partir delas, refletir sobre possibilidades de trabalho com a Cartografia. Assim, buscamos uma aproximação da vivência espacial das crianças a partir de seus pontos de

vista, bem como suas percepções e representações espaciais. Com isso, pretendemos encontrar possibilidades de contribuir na construção de outros olhares sobre o espaço e sobre os mapas.

A ESCOLA TEM MUITOS LUGARES ESPECIAIS. NOSSOS MAPAS PODEM MOSTRAR COMO CHEGAR ATÉ ELES!

Como uma criança antes de a ensinarem a ser grande,
Fui verdadeiro e leal ao que vi e ouvi.
(CAEIRO)

Na perspectiva de ampliar as reflexões da Cartografia, na busca por uma cartografia com as crianças, foi proposta uma atividade em que cada uma foi convidada a mapear uma possibilidade de chegar a um lugar, na escola, considerado especial. A escolha do lugar era pessoal e a proposta foi desenvolvida com os alunos agrupados livremente pela sala. Mesmo juntos, alguns fizeram o mapa para lugares diferentes da escola.

Nem é preciso dizer o quanto a atividade motivou e envolveu os alunos. As discussões em grupos provocaram trocas significativas. As crianças movimentaram-se pela sala e com o corpo explicaram aos colegas do grupo qual era o raciocínio. Rabiscos em folhas, considerados os rascunhos, auxiliaram nos primeiros momentos de “por a ideia no papel”.

Sobre essa vivência na sala de aula, trazemos alguns trechos de diálogo considerados significativos para contextualizar os momentos da elaboração dos mapas.

Gr1³ – Nós vamos fazer o caminho até a árvore (explicam qual é a árvore) porque lá é legal. Ela (a árvore) é torta e a gente pode escalar. Tem vários lugares para se pendurar e ficar brincando. Desde o início do ano passado brincávamos nela. Agora não vamos mais tanto até lá porque na área coberta a gente brinca de pega-pega. A árvore fica mais longe e aí perdemos muito tempo do recreio para ir até ela. Se ficarmos na área coberta fica mais perto, temos mais tempo para brincar e podemos brincar quando chove.

Gr2– Nosso lugar especial é a biblioteca. Adoramos ler. Os livros são diversão!

Conversam muito sobre como fazer o mapa e discutem entre si. Pedem para ir até lá ver. Quando voltam: Viu Carol, a gente estava certa!

³ Quando as suas falas referirem-se a um grupo de crianças serão identificadas com as letras Gr – significando grupo - e utilizando números para identificar a alternância das mesmas.

Ju – Prédio da Ed. Infantil – Lá tive o melhor ano da minha vida. Era muito legal! Explica-me mostrando no seu mapa. Profe! Quero ir até lá para garantir que está certo. Fiz de lápis então posso apagar e arrumar.

Vi – Pode ter uma legenda no verso aí eu tenho mais espaço para o desenho do mapa e quem for ler vai entender.

Le – Vou fazer até a árvore FBI.

Prof – Por que FBI?

Le (explica) - A Júlia inventou, mas não sabia o que significava. Só tinha ouvido e usou. Nessa árvore ficávamos estudando a natureza e inventando umas coisas no recreio do nível 5 até a 3ª série. Tinha um buraco e a Jô inventou uma poção mágica. Até hoje ta lá. Esquece a poção lá quando terminou o FBI. Agora tem pouco recreio e não vamos mais lá.

Vi – Mostra com o dedo. Vou fazer a legenda prá saber o que significa. Então quando pinto algo de uma cor, não vou mais pintar outra coisa dessa cor.

Pe – Eu vou fazer dois mapas. Um para chegar até lá menor no cantinho da folha e outro do lugar, no espaço que sobrar, pois a folha é pequena para desenhar tudo.

Jo – Profe, o Fi amassou o seu mapa! Fi responde: claro quero que fique parecendo velho. Rasguei nas pontinhas, pois quero que pareça antigo. Vi isso na TV – que os mapas antigos eram amassados.

São relatos carregados de sentidos, de relações, de raciocínios geográficos na mediação com os colegas. As reflexões trazidas nessas e em outras falas revelam-se marcas significativas de como essas crianças vivenciam e representam sua espacialidade na escola.

[...] a espacialidade é uma dimensão humana de lidar com o mundo do qual fazemos parte, incluindo nossa corporalidade e as relações que estabelecemos com os outros seres, com as coisas, com os lugares, com as relações e com as ideias que construímos para podermos pensar essa totalidade. Sendo assim, é preciso considerar que não só a dimensão espacial está em jogo quando falamos do espaço, mas antes a dimensão espacial é intimamente relacionada a muitas outras, como a temporalidade e a linguagem. (LOPES, 2013, p.74-75)

Os mapas produzidos revelaram traços significativos dos pensamentos dessas crianças sobre o espaço da escola, refletiram as percepções e concepções acerca da representação cartográfica nas suas vivências e também as dimensões técnicas: representação bidimensional, proporção e legenda. Rer as anotações feitas no diário de pesquisa sobre os movimentos e as falas das crianças durante a realização da proposta, ler os mapas produzidos e refletir sobre cada uma dessas crianças, aponta caminhos das perspectivas de trabalho a partir desse momento e mostra-se como um meio de buscar uma prática pedagógica reflexiva no sentido de construir possibilidades de trabalho com a Cartografia na escola.

Ao entregar seus mapas prontos, os alunos propuseram fazermos as leituras dos mapas vivenciando o caminho feito até os lugares escolhidos. Combinamos de “deixar

os mapas guardados por algum tempo” para, depois desse tempo, “ver se conseguimos chegar até o lugar mapeado, usando os mapas feitos”. Os alunos propõem que seja no segundo semestre, pois então “vai ter passado bastante tempo”. Este momento sugere mais uma vez novos encontros com os mapas e muitas possibilidades de interação e construção de aprendizagens.

Constatamos que o uso de mapas em um ambiente alfabetizador pode provocar situações que oportunizam pensar e construir relações sobre a espacialidade e sua representação. A Geografia pode contribuir com a alfabetização, afinal com ela podemos estabelecer a interlocução com o mundo, fazendo a sua leitura. Mas há que “descentrar-se do olhar adulto e buscar o olhar infantil sobre as coisas” (LOPES, 2005, p.47). Afinal, “as crianças movimentam-se e agem de modo complexo no mundo, e em suas andanças possíveis vão se apropriando dos nomes, das qualidades, dos sentidos, dos conceitos das coisas, das relações e dos lugares, e vão formando um repertório de conhecimento.” (LOPES, 2013, p. 79)

Por outro lado, as concepções que as crianças possuem sobre o espaço e sua representação podem ser potencializadas enquanto ampliação de seus conhecimentos, sendo fundamental o olhar e escuta atentos do professor, bem como propostas que desafiem os alunos a refletir e construir conhecimentos sobre o espaço e sua representação.

COM O GLOBO PODEMOS VER O MUNDO TODO e “ACHAR” OS LUGARES

Clara chega até a estante, pega o globo terrestre maior e alinha-o com outros três globos menores, no chão. Ela diz: “Este é o papai (para o maior), este é a mamãe (para o médio), estes são os filhinhos (para os menores)”. Gira várias vezes o maior e vai apontando para os lugares e diz: “aqui é um planeta”; “aqui é outro planeta”. Fica assim, imersa nesses momentos de interação absoluta desencadeados pelo manuseio dos globos, olhando e apontando para os lugares, fala com eles, faz perguntas, encontra respostas... Alinha-os várias vezes pelo tamanho, ora do maior para o menor, ora do menor para o maior. Ao finalizar a brincadeira, coloca todos de volta na estante, alinhando-os pelo tamanho.

(Cena de verão. Ano 2013. Anotações do diário de pesquisa)

Clara tem quatro anos e os globos a encantam. As falas demonstram suas hipóteses e vivências sobre o globo terrestre e, portanto, sobre o espaço. A expressão do seu olhar revela o quanto esse recurso pode suscitar possibilidades de trabalho em diferentes contextos escolares.

Os globos e os mapas são fascinantes, pois permitem viagens a lugares concretos e vivências com o imaginário. Com eles, podemos oportunizar momentos de interação significativos e encharcados de curiosidade através de questionamentos e perguntas que podem ser suscitados com a sua observação e leitura.

A partir das observações feitas em algumas escolas e da escuta dos relatos feitos por professores, percebemos que na grande maioria das salas de aula estes têm sido utilizados como objetos decorativos, estando muito distantes de uma prática pedagógica que busque a construção de noções espaciais a partir dessas representações.

A curiosidade suscitada pela cena vivenciada convoca-nos a ir até a escola de Educação Infantil que Clara frequenta. Após o contato com a coordenação pedagógica e com a autorização para observar e ouvir outras crianças da sua turma interagindo com os globos a visita acontece.

Esta Escola de Educação Infantil é particular e atende crianças de 0 a 5 anos e está localizada no Bairro Hidráulica, em Lajeado/RS.

É janeiro, muitas crianças estão de férias. A sala tem dois ambientes e possui diferentes espaços. O grupo de crianças está realizando diferentes atividades.

Chego à sala de aula com globos menores dentro e uma sacola e o maior nas mãos. Ao perceber minha presença, um menino que está sentado exclama:

- O planeta Terra!

Outro menino se aproxima e convida o primeiro:

- Vamos viajar?

Juntos pegam o globo e um deles indica com o dedo:

- Aqui é o Rio de Janeiro.

- Aqui é Pólo Norte! É aqui que mora o Papai Noel.

Dois meninas aproximam-se e uma delas diz:

- Eu sei onde é a Itália! Ela é como uma bota!

A colega afirma:

-O Rio Grande do Sul é onde eu moro!

Os globos menores são entregues a outras crianças que também se aproximam dos colegas. O diálogo que acontece está transcrito abaixo:

Mi - O que está pintado de amarelo é a Itália! – indica com o dedo.

Ta – Eu moro no Brasil.

Pr – Eu moro em Estrela.

Ca – Eu moro em Lajeado.

So – Qual país e esse rosa forte?

Cl – E esse marrom? Qual é?

Um menino se aproxima e exclama: Eu também quero brincar!

Uma criança pergunta: - “Né” que o planeta gira?

Outra criança: Aqui é a Antártida! Ela parece o homem de gelo!

Pouco a pouco, várias crianças aproximam-se dos grupos e começam a girar os globos, apontando com o dedo para algum lugar que eles indicam quando o movimento para. Em alguns momentos, várias querem o mesmo globo. Observo que o fascínio dos primeiros minutos não desaparece com o passar do tempo.

(Cena de verão na Escola de Educação Infantil. Ano 2013.

Anotações do diário de pesquisa)

Conversamos com as professoras que estão com o grupo e elas comentam que as crianças usam o globo e os mapas em vários momentos das aulas. Nas aulas de música, trabalharam com músicas que envolvem questões corporais e o espaço.

A cena descrita revela o quanto a interação com o globo terrestre pode nos oferecer inúmeras possibilidades de trabalho e o quanto a sala de aula pode constituir-se num rico espaço de escuta das falas e das hipóteses que as crianças elaboram para explicar/testar suas observações.

As interações das crianças com os globos também podem ser reveladoras de suas concepções e diferentes vivências, tornando-se, ao mesmo tempo, indicações de caminhos a percorrer no que se refere às situações de aprendizagem que podem ser propostas.

Passadas algumas semanas da cena descrita acima, chega o início do ano letivo e, com ele o relato que apresento a seguir, que faz parte das vivências de uma turma de quinta série (ano) do Ensino Fundamental desenvolvido no início do ano letivo de 2013. A escola é a mesma indicada no relato anterior e como já mencionamos, a estrutura curricular é composta por séries, sendo a primeira experiência dessas crianças com a Geografia enquanto disciplina escolar.

Chego à sala de aula com uma mala de madeira com um tamanho possível de conter quatro globos terrestres de tamanhos variados.

A mala provoca curiosidade e o seu conteúdo, mais ainda. Várias pistas e palpites são lançados! E, quando aberta, o brilho no olhar de vinte e duas crianças emociona a quem vê! Vários globos terrestres!

As crianças manuseiam os mesmos, giram, deitam no chão com eles para “ver mais de perto”. Localizam lugares, falam de lugares que já foram ou ouviram falar. Alguns vão até o planisfério que está no fundo da sala de aula e localizam nele também lugares vistos nos globos. A sala possuiu um globo maior que sempre fica à disposição para uso das crianças, junto com mapas (Planisfério, Brasil e Rio Grande do Sul).

Esses materiais são imediatamente levados ao chão e passam também a fazer parte deste momento de imersão no espaço que representam.

Depois desse momento inicial, nos reunimos em um círculo e conversamos sobre os globos e os mapas. Nesse momento, as crianças relatam situações em que usaram mapas fora de escola, falam de viagens e alguns relatam seus contatos com globos terrestres fora da escola.

(Anotações do diário de pesquisa)

A atividade “da mala” e a roda de conversa desencadeiam o convite a buscarem imagens em que o globo esteja presente.

Na aula seguinte, muitos já esperam na porta da sala para mostrar as imagens que encontraram. Várias crianças falam ao mesmo tempo e todos querem mostrar suas descobertas.

Depois desse momento inicial carregado de euforia, a conversa vai ficando mais ordenada e as constatações feitas pelas crianças passam a ser socializadas na turma.

Ma – Puxa! Nunca tinha observado que há tantos globos e também mapas nas revistas e na internet!

Vários concordam com a constatação feita pelo colega e faço questionamentos no sentido de refletirem sobre as razões disso.

Lu – Parece que se quer mostrar uma coisa muito importante quando se usa o globo.

Pe – Sim! Para mostrar que é possível chegar a vários lugares!

Vi – Que é potente!

Algo “tão simples” e potencial enquanto recurso de trabalho. Se observando “de longe” chama a nossa atenção, o que se pode dizer de poder manusear e interagir? Inúmeras possibilidades apresentam-se enquanto caminhos!

O espaço é o objeto de estudo da Geografia. Os globos e os mapas são essenciais no estudo do espaço, sendo considerados ferramentas de trabalho na construção dos conhecimentos sobre a espacialidade.

Nesse breve momento descrito pude observar que o maior contato dos alunos com os globos terrestres e os mapas, em sala de aula, desperta a curiosidade, cria possibilidades de fazer perguntas, buscar respostas e elaborar conhecimentos sobre o espaço e sua representação. Esse saber é básico para pensar possibilidades de intervenção e ações enquanto cidadãos.

O uso do globo terrestre na escola pode provocar situações que oportunizem momentos que levem a pensar e a fazer relações. As observações das crianças transcritas ilustram o fato!

“Os globos constituem a única representação verdadeira da Terra” (OLIVEIRA; MONTEIRO, 1988), afinal só eles permitem uma visão da Terra na sua visão tridimensional. Apesar de a Terra não ser uma esfera perfeita e os globos a representarem como se fosse, só com eles podemos ver a Terra por inteiro, reduzida proporcionalmente e em todas as suas dimensões.

Assim, o globo terrestre apresenta-se como recurso de trabalho indispensável na escola para o trabalho com a Geografia e também outros campos de conhecimento. A partir dele abrem-se inúmeras possibilidades de trabalho. Mesmo assim, percebe-se por diversas observações e pelas manifestações de professores que ele tem sido mantido enquanto ilustração de temas de trabalho e, ao mesmo tempo, longe da interação dos estudantes.

O que afasta os professores do uso do globo terrestre de maneira sistemática no cotidiano escolar? Que saberes de experiência podem ser construídos na interação com eles? Muito há para se refletir, buscar e criar para que a experiência com sentido possa ser desencadeada no espaço pedagógico da escola.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 24)

O olhar atento, curioso, a busca pelas hipóteses das crianças, os questionamentos que provocam momentos de reflexão e desafios nas propostas feitas pelo professor junto às crianças, indicam importantes meios de desencadear experiências de encontro e tempo-espaço para aprender. Afinal, ensinar Geografia é um ato com intencionalidade e necessita de conhecimentos específicos que transcendam o aspecto lúdico e também que as experiências das crianças sejam o ponto de partida nesse processo.

CATROGIOVANI (1995, p.25) destaca que pensar é uma busca de significações a partir da interação entre os sujeitos com o meio, dele abstraindo relações. Nesse sentido, a sala de aula e a interação que nela acontece com o uso do globo terrestre são um campo fértil para essa busca de significações.

Por outro lado, o processo para que o aluno possa entender a linguagem cartográfica (alfabetização cartográfica) não se resume a copiar contornos ou pintar mapas, mas em experienciar a função de mapeador, fazendo o mapa. Acompanhando as etapas de sua execução, ele adquire familiaridade com as especificidades dessa linguagem.

A responsabilidade enquanto professores torna-se imensa, afinal, é necessário que a partir de novas experiências encontrem-se possibilidades de desconstruir conhecimentos estereotipados muitas vezes trazidos de experiências anteriores. Nesse sentido, articular situações de aprendizagem que ofereçam aos alunos oportunidade de manusear, ler e interagir com globos e mapas é fundamental, pois estamos disponibilizando ferramentas que os auxiliam no desenvolvimento cognitivo. Não menos importante, faz-se necessário considerar os aportes teóricos que imbricados com a prática podem traçar caminhos possíveis

NOSSOS ALUNOS NOS LEVAM PARA LONGE

A escola é um dos locais de produção de conhecimentos, de espaço e tempo praticados e, assim, de espaço da vida. Ela pode constituir-se num lugar em que podemos construir novos olhares e ações sobre o próprio mundo. O currículo escolar, nesse sentido, pode ser um espaço para as crianças terem experiências diversas, pois ele é constituído, mais do que pelos conteúdos, pelos modos de ser e fazer, pelas visões de mundo de seus atores, pelas concepções e posturas pedagógicas assumidas, além das relações interpessoais entre os envolvidos nos processos de aprendizagem.

No Anos Iniciais do Ensino Fundamental faz-se necessário construir um conjunto de saberes para leituras espaciais e temporais de mundo, abrigando e instigando formas de lidar com o conhecimento que cabe à escola recontextualizar, propondo também outros sentidos e significados para o movimento de aprender e ensinar.

Acreditamos na necessidade de refletir com as dinâmicas sócio-espaciais dos sujeitos envolvidos, neste caso, as crianças. Para isso, é fundamental compreender essas dinâmicas a partir das perspectivas de mundo destas crianças, de seus olhares e sentimentos. Por isso, faz-se necessário o mergulho em seu mundo, em busca de suas relações próprias, seus conhecimentos construídos, suas rotinas cotidianas, suas leituras e representações de mundo e também oportunidades de experiências significativas na busca pela ampliação de seus conhecimentos. Assim, consideramos fundamental oportunizar situações de aprendizagem em que os estudantes se instrumentalizem para construir noções mais aprofundadas para a compreensão do espaço e da sua representação (escala, legenda, distâncias, localização e orientação).

Com a leitura do mundo através do espaço e das representações desse espaço através do globo terrestre e dos mapas, é possível produzir o próprio pensamento e desenvolver habilidades importantes na construção da cidadania.

A verdade é que grande fascínio se estabelece no encontro entre os alunos, os mapas e o globo terrestre, no entanto, na escola esses recursos são relegados às situações de aprendizagem secundárias, ficando esquecidos e tornando-se pouco compreendidos.

Constatamos que é papel da escola e dos professores oferecer oportunidades aos estudantes para familiarizarem-se e desenvolverem as habilidades para a construção e a leitura de globos e mapas. Esse conhecimento não é possível ser elaborado com a mera transmissão, como algo pronto a ser repassado apenas via fala. É necessário um processo em que se considerem as vivências, interações dos estudantes, as construções e as experiências de cada um. Afinal, aprender é estabelecer diálogo com o conhecimento, pensar sobre o que está sendo produzido, questionando as diferentes aprendizagens e estabelecendo conexões com os conceitos já construídos.

Ao mesmo tempo, observamos que o maior contato dos alunos com os globos terrestres e os mapas, em sala de aula, desperta a curiosidade, cria possibilidades de fazer perguntas, buscar respostas e elaborar conhecimentos sobre o espaço e sua representação. Esse saber é básico para pensar possibilidades de intervenção e ações enquanto cidadãos.

Reafirmamos a importância da geografia para a prática social cotidiana, para a formação de uma consciência espacial, para uma relação ética e estética com o espaço

de vivência. Nesse sentido também, é fundamental a importância do papel do professor enquanto pessoa que estimula, organiza e propõe atividades a fim de oportunizar vivências e buscar aprendizagens.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1989. (Repensando o ensino).

BARROS; Manoel. **Poeminhas pescados numa fala de João**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. Trad. João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 N° 19. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf>. Acesso em: 28 maio 2013.

CAEIRO, Alberto. Heterônimo de Fernando Pessoa. Como uma criança. In: **"Fragmentos"** Disponível em <<http://www.citador.pt/poemas/como-uma-crianca-alberto-caeirobrheteronimo-de-fernando-pessoa>>. Acesso em jun 2014.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **CADERNO CEDES**. Campinas: UNICAMP, vol. 25, n. 66, maio/ago. 2005. Educação geográfica e as teorias de aprendizagens. p. 227-247.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Da geografia que ainda é feita a uma nova visão da ciência geográfica também se alfabetiza em e com a geografia**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

LOPES Jader J.; VASCONCELOS, Tânia de. **Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisa**. Juiz de Fora: FEME, 2005.

LOPES Jader J.; MELLO, Marisol B. de; BOGOSIAN, Thiago. (Org.). Por uma cartografia com crianças: a geografia nas creches e na Educação Infantil. In: **(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisa e experiências formativas**. PR: CRV, 2013.

OLIVEIRA, Maria Helena C. de; MONTEIRO, Ieda da Silva. **Didática dos estudos sociais**. São Paulo: Saraiva, 1988.

SCHÄFER, N. O. et al. **Um globo em suas mãos: práticas para a sala de aula**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

http://pensador.uol.com.br/autor/manoel_de_barros/. Acesso em jun 2014.

THEVES, Denise Wildner. **Meus alunos e minha aldeia me fazem experimentar ideias para ensinar geografia**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.